

# O PANORAMA.

JORNAL LITTERARIO E INSTRUCTIVO

DA  
Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis.

113)

PUBLICADO TODOS OS SABBADOS. (JUNHO 29, 1839)



O PHAROL DE BELL-ROCK, NA ESCOCIA.

Do PRINCIPAL pharol da antiguidade, e que a todos os outros deu o nome, já em o N.º 95, do presente volume, démos breve noticia, e por ella se verá quanto os modernos edificios deste genero differem dos antigos. Ainda no seculo passado o systema dos pharoes era mui imperfeito, e ha poucos annos os mais principaes tinham lentes enormes de 22 pollegadas de diametro. Agora usam-se reflectores parabolicos, compostos d'uma lamina circular de cobre, prateada finamente na proporção de seis onças de prata por cada libra de cobre, e formada n'uma curva parabolica por meio d'um molde e d'um methodo de bater a folha mui delicado. Dada a figura ao reflector, pule-se logo com a mão. Colloca-se uma lampada, ou candieiro d'Argand [de mécha circu-

lar] no foco da superficie parabolica, á qual comunica o azeite outro candieiro posto por detraz. Porém este systema tem suas desvantagens; como a perda da luz, parte pela absorpção do reflector, e parte pela collisão dos raios; a impossibilidade de augmentar a intensidade da luz em tempo de nevoeiro; a difficuldade de formar luzes distinctas, &c. — A invenção mais importante das lentes polygonas, em que se obtem refração em vez de reflexão, ou as lentes annulares de Mr. Fresnel, que são dispos-tas de tal arte que pela sua união formam um prisma octogono, com a chamma no eixo, e que projecta em raios horisontaes a luz que recebe do centro ou foco, hão-de vir a desterrar o uso dos reflectores.

Nas costas mui extensas e de frequente navegação, é necessario distribuir os pharoes por maneira que os pilotos possam distinguir uns dos outros, e tenham constantemente alguma luz que os dirija em seu rumo. As luzes neste caso devem ser unicas, ou duplices, ou triplices: tambem se fazem differentes na côr: umas são estacionarias ao passo que outras giram apparecendo em intervallos conhecidos, dando uma volta em um minuto ou em dois ou em seis. Havendo costas maritimas por extremo nebulosas, necessitam-se pharoes que possam produzir uma luz mui intensa, pelo que seria mui util allumia-los com gaz, onde fosse possível.

Os pharoes mais famosos por sua construcção e localidades são os de Eddystone e Bell-rock na Graã-Bretanha, e o de Cordouan em França. Eddystone é o nome d'um recife de róchas que se estende por mais de cem leguas ao longo da costa d'Inglaterra, pelo Canal da Mancha, cubertas na maré cheia, e descubertas na baixa-mar. Por isto era mui perigosa a navegação nesta paragem, e muitos navios depois de viagens felizes á India e á America vinham perder-se nestes occultos penhascos de destruição, na vizinhança dos portos, perecendo os passageiros e as tripulações á vista da chara e desejada patria. Era portanto indispensavel, o commercio o sollicitava e a humanidade o exigia, que se erigissem pharoes, que servissem de guia aos pilotos para evitar o perigo, e assegurar a salvagão das vidas e fazendas confiadas á sua direcção. O ponto mais importante, na opinião dos nauticos experientes, era uma das róchas denominadas Eddystone, palavra derivada das vozes *eddy*, remoinho, e *stone*, pedra, por formarem as aguas, que alli batem encontradas, uma contínua serie de pequenas voragens. Porém as mesmas circumstancias que faziam temiveis aquelles rochedos, e appetecivel um signal que os indicasse, difficultavam a erecção d'um pharol, que parecia empreza insuperavel. O governo inglez, depois de varias tentativas de particulares, resolveu erigir um n'uma ilhota situada ao sul do porto de Plymouth, quatorze milhas distante da costa; permaneceu porém por pouco tempo anniquilando-o uma furiosa tempestade em 1703; o segundo, construido por empreza particular, resistiu por mais de 30 annos, mas como era de madeira um incendio casual o destruiu em 1755. A empreza, tractando logo da reedificação, incumbiu a obra ao habil engenheiro, Smeaton, que superando todas as difficuldades erigiu por um plano novo e simples o que ora existe, e que desde 1759 triumphou do furor combinado das aguas e dos ventos. A sua elevação é de  $106\frac{8}{10}$  pés portuguezes, e o maior diametro na base de 32 pés proximamente. O systema de construcção deste edificio merece estudado por quem tiver o encargo de obra semelhante n'um penhasco insulado, e em posição tão tempestuosa.

O grande pharol de Cordouan, o mais celebre da Europa, está situado na ponta meridional da foz do Garonna, costa occidental de França. Proveio-lhe o nome do mui perigoso recife de Cordouan, que obstrue a entrada daquelle rio, cuja navegação tão importante é para a cidade de Bordeus. Toda aquella costa de França tem sido um deserto d'areia movediça, e a forte ressaca, que corre constantemente da bahia torna difficillima de navegar a embocadura do Garonna. A torre do pharol tem d'altura  $132\frac{37}{100}$  pés portuguezes; a base, ou corpo inferior, é octogona até a elevação de 59 pés, ornado tudo com bello estylo de architectura. Dalli para cima continúa o edificio com figura conica diminuindo até  $30\frac{4}{10}$  pés, e desde uma base deste diametro se levanta até findar em uma platafórma de quasi  $16\frac{1}{2}$  pés de diametro,

onde está collocado o pharol, ou lanterna, de perto de vinte e dois pés d'alto e pouco mais de nove de diametro. O apparatus optico deste pharol é formado pelo melhor modelo que se conhece, e considerado como a estrutura mais interessante neste ramo que ha no mundo: consiste no systema de lentes annulares de Mr. Fresnel, que já mencionámos. A torre está n'um espaço circular de  $123\frac{1}{4}$  pés rodeado por um *talud* ou escarpa mui solida sobre a qual se levanta a agua na preamar obra de duas varas para mais; porém na vasante retira-se deixando em seco um grande espaço d'areia ao redor. O *talud* incluye um numero consideravel de quartos semelhantes ás casamatas de fortificação, e na torre ha varias abobadas, cisternas para recolher agua da chuva, e as necessarias vivendas para os empregados do estabelecimento. Estes são quatro; tres permanentes e um em terra por turno. A differença entre o serviço deste edificio e os do seu genero em outras partes consiste em que os operarios d'outros pharoes não teem mais occupação senão limpar e manter em bom estado o aparelho da luz e seus accessorios; porém nos pharoes francezes, segundo o novo systema, são obrigados a formar um exacto e minucioso registo d'observações meteorologicas, e do estado do mar, um diario das occurrencias de cada vigilia, e um livro para apontar os nomes das pessoas que alli vão, e tomar nota de quaesquer observações importantes que os viajantes fizerem; mandando de tudo cópia mensal ao secretario da repartição dos pharoes em Paris.

Resta-nos fallar da estampa que precede este artigo. Representa ella o pharol de Bell-rock, que está n'um ilheu, chamado pela sua figura o *rochedosino*, na costa oriental da Escocia, a pouco mais de quatro leguas de distancia da povoação d'Arbroath, condado de Forfar. Foi edificado pelo engenheiro Mr. Stevenson, e pela primeira vez o accenderam em 12 de Fevereiro de 1811. A sapata da torre tem uns trinta e nove pés de diametro, com sua silharia gateada, como a de Eddystone. Desde a superficie da róchha até cousa de cinco braças é obra solida; dahi para cima reparte-se em seis camaras distinctas, lageadas de pedra: a mais inferior serve de cisterna para agua doce, e de armazem de carvão; a segunda é o deposito do azeite; a terceira serve de cozinha; a quarta é quarto de dormir; a quinta serve de livraria e para instrumentos; e a sexta, feita toda de ferro, contém o farol e as luzes. Sendo as noites obscurissimas ás vezes naquellas paragens, a luz vem a ser invisivel, pelo que ha duas grandes campas aos lados, suspensas por tal modo que se conservão soando, e servem de signal aos marinheiros em distancia consideravel. Dois homens vivem constantemente na torre, mantendo communicação com outro que habita n'uma torre em Arbroath. Nas costas d'Inglaterra e França se vão construindo muitos pharoes, como sabemos pelas gazetas, porque assim o exigem a extensão, e a posição maritima dos dois paizes, e a sua muita navegação.

#### EDUCAÇÃO PHYSICA DA PRIMEIRA INFANCIA.

(Continuado de pag. 194).

Não é só pela grande quantidade de alimentos, mas tambem pela sua má qualidade, que se pecca no regimen das creanças. Os caldos feitos com farinaceos não fermentados, a açorda com assucar, as especiarías, doces, pasteis, &c. nunca se lhes deviam dar. Produzem os primeiros azias, colicas, diarrheas e convulsões; e todos em geral excitam as creanças

a tomar mais alimento do que deviam. Isto as faz engordar demais, o que não é, como o vulgo crê, signal de saúde; porque as creanças mui gordas são mais que as outras sujeitas a affecções espamodicas e convulsas, a cattharro, &c. Os alimentos simples, mais leves e faceis de digerir, são os unicos que convem em taes edades, em consequencia da fraqueza dos órgãos da digestão. O pão bem amassado e cozido é o alimento mais apropriado; e póde-se-lhe ajunctar o leite de vacca, do seguinte modo: coze-se o pão em agua, e escoando-se esta, deita-se sobre o pão sufficiente quantidade de leite frio ou morno, mas que não tenha sido fervido. Quando a creança chega aos seis ou oito mezes precisa de sustento mais substancial: é bom então dar-lhe sopas de carne duas ou tres vezes por dia; mas não convem que coma carne antes de estar desmamada, e de ter dentes com que mastigar, e ainda assim deve comer mui pouca. O regimen vegeto-animal se torna necessario nesta epocha; porque se a creança fizesse uso só de vegetaes, como o aconselham alguns auctores, que consultaram mais a sua imaginação que a natureza e a experiencia, ficaria sujeita ás azias, e a tudo o mais que dahi provém.

Como a creança vai crescendo, começa a precisar de mais alimento. Depois de desmamada deve-se-lhe dar de comer quatro ou cinco vezes por dia, mas nunca de noite. A quantidade deve ser proporcional ao appetite, e quando os alimentos são simples, é raro que ella queira mais do que é necessario: todavia, tambem não se lhe deve dar menos do que precisa, como fazem alguns paes, receando que a creança se torne estúpida. Este excesso é mais perigoso ainda que o excesso contrario, porque o abatimento que isto produz é quasi sempre mortal, sendo certo que a natureza remedia melhor as molestias que provém de demasiado enchimento de estomago.

A fructa é mui proveitosa ás creanças; a natureza faz que a appetçam; por isso ellas a buscam avidamente, e a preferem a outra qualquer substancia. O que importa é dar-lha bem madura, e tomar tento em que não comam muita.

Tanto que a creança chega aos tres annos, se é robusta, convem habitua-la a usar de todos os alimentos vegetaes com moderação e augmentar gradualmente a quantidade de carne, principalmente da que fôr gelatinosa. É necessario variar-lhe os alimentos, mas que estes sejam sempre simples. Ha quem aconselhe a abstinencia dos legumes, dos farinaceos, e das raizes. Este conselho não serve senão para as creanças fracas e doentes, porque para as fortes e sádias taes alimentos são excellentes.

A saída dos dentes é muitas vezes uma epocha critica acompanhada de diarrheas, colicas, convulsões, febres agudas, e que não raro é fatal para as creanças. Todavia esta doença não é natural; porque muitas nada padecem, ou mui pouco, o que demonstra que taes affecções não são forçosas; e com effeito dependem, por via de regra, da plethora e azedume dos succos digestivos, e sobre tudo da grande mobilidade do systema nervoso. Podem-se, pois, impedir, sujeitando as creanças á dieta já apontada, e que a experiencia prova ser conforme com a natureza.

Todos os preceitos que temos dado seriam inuteis, e a creança ficaria sempre debil, se desprezassem o exercicio, cujo desejo nasce com o homem. A rachitis, e as alporcas provém as mais das vezes da inacção e constrangimento em que teem as creanças, que naturalmente são inclinadas ao movimento; mas como dos primeiros mezes o não pódem fazer, por si

proprias, é necessario encarregar deste cuidado as amas. O exercicio mais conveniente para as creanças que ainda não andam é leva-las ao ar livre, recommendando-se a quem as leva, que as mude de braço, para que não contraiam o habito de se inclinarem mais para um que para outro lado, o que com o andar do tempo póde produzir um aleijão na columna vertebral, e no lado que se acostumou a estar torcido. O melhor modo, porém, de trazer uma creança será em ambos os braços, de modo que ella se encoste ao peito da pessoa que a traz. Nesta attitudenhum dos membros fica em postura falsa.

Outro exercicio não menos util nos primeiros mezes, digam o que quizerem os que reprovam por officio todos os costumes populares, é o embalar. A renovação frequente do ar, os aballos moderados de todos os membros, e a acção reciproca das visceras que isto produz, faz necessariamente uma impressãosalutar nos órgãos da creança: devendo-se accrescentar a isto que o embalar a distrae quando padece; e embota a excessiva sensibilidade dos nervos, mas não os torna callosos.

Não deve haver pressa em fazer andar as creanças: só depois de se desmamarem aos dez mezes, e quando as extremidades inferiores já teem bastante força para sustener o peso do corpo, é que convem í-las habituando a isso. O melhor methodo é segura-las pela mão. Deve-se proscreever o uso de anda-deiras, que obrigam a inclinar as creanças para diante, e as fazem curvar; porque lhes pesa sobre o peito todo o corpo, do que resulta que o peito se encova, e a respiração se opprime. O verdadeiro é deixa-las receber as lições da natureza e da experiencia, consentindo que se rolem pelo chão. Não só as fortalece este exercicio, mas ensina-as a servirem-se dos membros: começam assim a caminhar sós muito cedo, sem necessidade de guia.

Tanto que a creança póde andar, importa que a deixem exercitar ao ar livre, e não lhe embaraçar os movimentos e brincos proprios da sua idade. As carreiras, os saltos, e os outros exercicios são absolutamente precisos, e só por este meio ganha robustez o corpo: cumpre, todavia, fazer-lhe evitar o excesso, que esgota as forças, e causa graves doenças, produzindo nos corpos tenros o mesmo effeito que o trabalho immoderado ou prematuro produz nos artifices e lavradores. Os órgãos endurecem, o corpo envelhece mui cedo, e por consequencia não se desenvolve inteiramente, nem cresce quanto devia crescer.

As fricções seccas na pelle das creanças é meio efficaç, e propriissimo para as fazer robustas. Produzem o mesmo effeito que o exercicio, favorecendo a livre circulação das forças. Este meio empregado nos tempos mais remotos, e desprezado hoje, dá desembaraço aos órgãos, e favorece o seu desenvolvimento. Causa é esta que nunca será de mais o recommenda-la.

São os banhos frios de grande proveito, tanto nos paizes septentrionaes, como nos nossos, em que os corpos teem que padecer, frequentes vezes, repentinas mudanças d'atmosfera. Nada é tambem mais conveniente para dar aos órgãos o vigor necessario para resistir ás impressões subitas, que obrigam a movimentos oppostos, e que se cruzam, e succedem rapidamente.

O somno é o estado quasi continuo dos recém-nascidos. Assim era necessario para dispor o corpo para a nutrição e desenvolvimento. Quasi todos os primeiros instantes da infancia são marcados pela necessidade de dormir; mas, ao passo que o homem se affasta da sua origem, essa precisão diminue; de modo que na idade proecta debalde a invoca. Na velhice é atormentado pela insomnia; e poucos in-

divíduos ha, que nessa idade se não queixem de pouco dormir.

As camas, ou berços em que dormem as creanças devem estar em sitio bem arejado. Nada ha mais pernicioso que o ar não renovado e corrupto. Deitam, por via de regra, as creanças de costas: esta situação não é a mais favoravel, e quando as deixam á sua vontade, raras vezes se põem desse modo: é de lado que ellas ordinariamente se deitam, com as pernas e braços alguma cousa encolhidos. Esta postura é a mais vantajosa, porque deixa livre o jogo das visceras, quando pelo contrario, deitando-se de costas, a acção e o curso dos humores é violentado, na cabeça, no peito, e no ventre.

Convem que seja dura a cama das creanças, e até apenas um enxergão: cama dura dá-lhes força e vigor: um leito brando enfraquece-as e abate-as.

Não se tema que não possam dormir achando-a dura; porque para uma creança tudo serve de cama.

Em geral é essencialissimo habituar as creanças a uma vida aspera e activa: bom seria até que lhes fizessem supportar algumas privações, e que soubessem o que é a fome, a sede, e principalmente a fadiga. E-lhes proveitoso saber que o appetite é o melhor cosinheiro, e o unico de estimar. Estes meios não contribuem pouco para fortificar os orgãos, assegurar a saude, e prolongar a vida. Nada debilita mais, nem predispõe tanto para padecer enfermidades, que pretender resguardar as creanças do menor sopro de vento, e te-las muito abafadas, encher-lhe o estomago de alimentos delicados, e consentir-lhes o uso de vinho, do café, do chocolate, e dos temperos irritantes.



O RAJÁ DE BARODA.

BARODA é uma populosa cidade das Indias Orientaes, com ruas largas, porém immundas e atulhadas de porcos que giram por toda a parte, e que não inculcam opulencia, posto que haja muita casa rica de commerciantes, tanto indigenas como europeus. A casaria da cidade é geralmente mui alta, pela maior parte feita de madeira e cuberta de telhas. O palacio do rajá, edificio velho de equal genero, tem quatro andares, e está situado na praça principal. Fóra da cidade está o aquartelamento das tropas britannicas, que é uma completa aldea ingleza, como muitas dos arredores de Londres, de casas de tijolos

e jardins e hortejos fechados com tapumes de verdura: o templo christão está no meio, é de construcção gothica e elegante, e tem capacidade para 400 a 500 pessoas.

O actual rajá de Baroda é homem de talento e que governa os seus estados independentemente de conselhos de ministros, regendo com tanta justiça como energia: o seu defeito unico é um excessivo amor de dinheiro. O territorio que possui é dilatado, mas não todo pegado; são trechos de provincias extravagantemente entremeados com as possessões inglezas e as de muitos rajás independentes. As suas

rendas, que sobem a oito milhões de cruzados, são excessivas comparativamente com o territorio de seus dominios, que pela maior parte é bravio e esteril: só poderá isto explicar-se pela notavel fertilidade e muita população dos poucos districtos que são realmente productivos. Finalmente o rajá de Baroda é, abaixo de Rundjit-Sing, rei de Lahor, [\*] o mais rico e poderoso soberano daquellas partes da India.

#### GRÃO SARRACENO.

(*Polygonum Fagopyrum* LIN.)

O grão sarraceno, ou trigo negro, que os francezes chamam *sarrazin*, *blé noir*, ou *carabin*; e os alemães *buchweizen*, é oriundo da Persia e da Syria, donde os cruzados o trouxeram á Europa, e se tem vulgarizado, excepto em Portugal, não obstante que a nossa propria experiencia por alguns annos nos tem ensinado ser a cultura que por cá mais convém, especialmente nas terras fracas, e ao mesmo tempo seccas e quentes. Este cereal serve de nutrição aos habitantes de muitos paizes, que sem elle ficariam reduzidos á mais deploravel miseria. Os cavallos, carneiros, bois, porcos e todas as aves domesticas o comem bem. A sua farinha é muito branca, porém, como não tem *gluten*, por si só não pôde fazer pão, sem alguma mistura: comtudo é muito substancial, e pôde-se della fazer papas, caldos, ou canjas substanciaes. Moido o grão com a casca fica a farinha escura, no que não fará reparo quem attender a que tambem a casca do milho faz a sua farinha, e depois a broa amarella; e quem quizer a farinha branca pôde fazer descascar primeiro.

O grão sarraceno não carece, por assim dizer, de casta alguma de cultura: é semea-lo, e depois apanha-lo. O seu rapido crescimento e a facilidade com que medra, nos terrenos mais aridos, deve faze-lo considerar como um precioso objecto de cultura: só os chãos frios e humidos não lhe convém: e se as terras tiverem nateiro de mais, a planta converter-se-ha mais em herva, e dará menos grão: comtudo a herva, além de se poder misturar com feno, serve com grande utilidade para estrumar e adubar as terras.

Passadas dez ou onze semanas, depois de feita a sementeira, deve fazer-se a colheita, e por isso cada anno dá duas sementeiras, podendo ser até no mesmo terreno. No outono e inverno não se pôde semear, senão para ter forragem; porquanto o grão ressenha-se muito das orvalhadas.—A primeira sementeira deve fazer-se em Abril, e passado o tempo determinado das onze semanas, quando o grão já está feito e maduro; e por isso pôde recolher-se e fazer a segunda em Julho, até no mesmo terreno se se quizer; porém é essencial que o terreno em que se semeia tenha lentura bastante para poder nascer a sementeira, pois para o crescimento já não precisa de humidade: para este fim pôde-se regar o chão antes de o semear, ou melhor, aproveitar-se de algum chovisco como se practica com os nabos. Cada grão pôde render cem bagos, e se houver duas sementeiras vem a render duzentos, no mesmo terreno, suppondo que a sementeira se não faz com o grão do mesmo anno. A semente nasce em oito ou dez dias, e, depois de quinze dias do nascimento, já adquire flôr, que conserva até creado o grão. Comtudo será melhor afolhar com centeio no mesmo anno, porquanto depois desta colheita ainda é tempo da sementeira. Dá tambem com abundancia

nos terrenos que serviram a ervilhas, favas, batatas, &c.

A colheita do grão faz-se arrancando a planta toda, na occasião em que a maior parte dos grãos estão maduros, porém sem estarem muito seccos, pois neste caso caem tanto como as sementes das boas noites, com que o trigo tem parecenças na côr da casca e na farinha.—Alguns costumam apanha-lo logo que a flôr sécca, sem que por isso o grão fique menos maduro e bom. Arrancados os pés, vão-se enfeixando e levando para alguma eira: estes feixes cobrem-se de palha, ou com outros feixes de pés para o ar, afim de evitar que os passaros o venham comer. Passados dias está completamente secco, e se malha como se faz ao trigo, limpa-se o grão da mesma maneira, e se guarda pela mesma forma; os seus bagos, ainda no fim de tres annos, estarão bons para semear.

Um dos melhores usos desta planta é estercar a terra: para isto, passadas cinco ou seis semanas, depois de feita a segunda sementeira, enterram-se as plantas que apodrecem e formam adubo. Lavra-se no outono, e semea-se o cereal que se pertende: isto é excellente para fecundar as terras fracas, arentas e magras, e o temos posto em practica nas visinhanças da Marinha Grande.

Do seu feno poucos animaes gostam; e por isso se pôde aproveitar em estrumeiras, &c. As abelhas procuram muito o mel das suas brancas flôres, e quem tiver colmeas o poderá semear ao pé dellas. O mel toma côr, mas é agradável.

Temos lembrança de haver lido n'um dos numeros do *Jornal de Coimbra*, ha mais de vinte annos, o annuncio de um curioso que o tinha semeado; não sabemos porém que isso tivesse resultado favoravel na propagação. Ultimamente mandámos vir alguns alqueires de Alemanha, que temos cultivado e entre muitas pessoas distribuido bastante e com proveito, pois o temos em abundancia; e pela nossa parte procuramos ser novos introductores, e esperamos que se propague em Portugal, attenta a sua producção e facil cultura; quando a do milho, apesar das suas utilidades não gratifica generosamente os cuidados do lavrador, as despezas com o semear, sachar, e arrendar; e não se pôde bem sustentar com o grande jornal dos trabalhadores comparado ao baixo prego porque se vende. Remettemos uma porção de semente para ser distribuida pelos assignantes do Panorama; e se algum lavrador quizer porção maior não faltará nos arredores da Marinha Grande quem a venda.

\*

Este artigo nos foi remettido com uma porção de semente pelo administrador das Matas, o Sr. *Fredrico Luiz Guilherme de Varnhagen*, a quem sinceramente agradecemos o seu patriotismo e interesse pelo bem publico, e pela agricultura em Portugal; e sendo as suas considerações palpaveis, esperamos serão seguidas.

Distribuiremos aos Srs. assignantes a porção de semente que nos foi enviada.

#### SINGULAR EXEMPLO DE PRODIGALIDADE.

É SABIDO que nas provincias de Chen-si, e de Chansi vive grande numero de homens os mais opulentos da China. Diz-se que elles possuem pilhas de prata como montanhas. Os principaes capitalistas de Cantão vem destas provincias.

Nos ultimos annos do reinado de Kia-king, fallecido em 1820, uma rica viuva, chamada Tchei, vivia no districto de Tai-yuan-fù, e tinha um filho

(\*) Veja-se o retrato e uma noticia deste principe a pag. 60 do Vol. 2.º

que se entregou a toda a casta de extravagancia. Eis um exemplo das desarrasoadas despezas: gostava muito de jogar o xadrez; mas fazer bulir as peças em um tabuleiro de páu pareceu-lhe que era um divertimento muito sem sabor, apesar de ter grande inclinação por tal jogo. Tchù concebeu, portanto, uma idéa inteiramente nova; mandou pintar o sobrado de um quarto espaçoso em fórma de tabuleiro, e de roda fez collocar mezas para elle e para os seus amigos. Para figuras comprou muitas mulheres formosas, e vestiu-as de diversas maneiras: ensinou-as a fazerem por signaes as vezes de peões, torres, reis, rainhas, &c. Este sublime jogador de xadrez poupava-se ao trabalho de guardar as peças do jogo; porque a um aceno todas sabiam pela porta fóra.

O imperador, avisado do caso, offendido provavelmente de que um subdito tivesse mais luxo que elle, deu mostras de estar espantosamente encolerizado com a lembrança da compra das escravas para fazerem as vezes de peças d'um jogo de xadrez. Condemnou, portanto, Tchù em 3:000:000 taéis, ou 10 milhões de cruzados, e a ser desterrado por toda a vida para o paiz dos mantchùs; mandando-lhe dizer que devia agradecer o não lhe tirarem a cabeça de cima dos hombros.

METHODO USADO EM SIÃO PARA ATINAR  
COM OS LADRÕES.

TENDO um homem declarado que lhe tinham furtado duas barrinhas d'ouro, o magistrado depois d'a-veriguar se o facto era verdadeiro, fez trazer á sua presença todas as pessoas, que por qualquer modo tinham tido accesso ao cofre onde aquelles objectos estavam guardados; depois mandou por um dos seus beleguins chamar um feiticeiro: veio este, e trouxe consigo uma grande porção de barro secco, que tinha certa apparencia de metal, dividido em pedacinhos compridos e quadrangulares, da grossura do dedo minimo. O feiticeiro interrogou cada um dos indiciados, e lhes perguntou se sabiam alguma coisa relativamente ao ouro, que fóra roubado: naturalmente todos negaram terem-o visto. Então o magico accendeu uma véla, pôz-lhe de cada lado uma moeda que lhe entregou o dono do ouro e recitou uma breve oração ou formula magica: depois pegou em um dos pedaços de barra secco, levou-o tres vezes ao alto da cabeça, com muita cerimonia, e medindo-o com o dedo minimo, o partiu em bocados, do comprimento de polegada e meia, e deu tres a cada um dos accusados para que os mastigassem. Todos, para mostrarem a sua innocencia, mastigaram o barro o mais depressa que poderam; quando estava bem amollecido, todos os que poderam cuspi-lo fóra foram soltos. Era cousa curiosa vêr uma duzia de pessoas de ambos os sexos com a boca cheia de barro azul, trabalhando de pedaço a pedaço para o cuspir fóra delido. Emfim, passados dez minutos, todos o alcançaram á excepção de uma rapariga de 15 annos, que não pôde humedecer bastantemente o barro com a saliva, e que por consequencia foi julgada culpada; e por mais que protestasse estar innocente nada lhe aproveitou. O feiticeiro foi-se andando com a véla e com as duas moedas, deixando a rapariga lavada em lagrymas. Tal é a veneração que os siamezes teem a esta ridicula prova, que só pelo argumento tirado do mastigar o barro, condemnam qualquer a agoutes e cadeia como ladrão. No caso que referimos foi a rapariga ameaçada unicamente com a prisão. — (*Singapore Chronicle*).

## O MAIOR JANTAR.

EM 1578, Philippe 2.<sup>o</sup> margrave de Bade-Bade, deu em casamento sua irman Anna-Maria a um rico fidalgo bohemio, chamado Guilherme de Rosemberg. Este, lisongeado, como devia ficar, com uma união tão honrosa, deu um banquete, que durou sete dias. Eis a lista do que nelle se gastou, a qual é tirada de Balbini *Epitome rerum bohemicarum*.

Veados . . . . .	40
Gamos . . . . .	50
Barris de caça salgada . . . . .	50
Lebres . . . . .	2:130
Faisões . . . . .	250
Gallinhas bravas . . . . .	30
Perdizes . . . . .	2:050
Tordos, narcejas, e pombos bravos . . . . .	20:688
Bois . . . . .	150
Vitellas . . . . .	20
Pavões . . . . .	350
Patos . . . . .	5:153
Gallinhas, frangas, &c. . . . .	3:106
Carpas . . . . .	18:120
Lucios . . . . .	10:209
Trutas . . . . .	6:380
Outros diversos peixes frescos . . . . .	3:400
Peixes de fumeiro . . . . .	7:096
Carangueijos, lagostins, &c. . . . .	342:000
Bacalhaus seccos . . . . .	350
Bezerros . . . . .	526
Paos, e salchichões . . . . .	1:526
Chouriços . . . . .	456
Salchichas . . . . .	326
Porcos . . . . .	150
Carneiros . . . . .	450
Cordeiros . . . . .	395
Leitões . . . . .	504
Bois de fumeiro . . . . .	20
Sombrias, verdelhões . . . . .	1:200
Lampreias . . . . .	675
Massas de peixe miudo . . . . .	300
Arenques de salmoura . . . . .	780
Esturjões . . . . .	4
Barricas d'arenques salpicados . . . . .	4

É escusado dizer a porção de bebidas que devia acompanhar esta enorme quantidade de guisados; basta lembrar que o banquete era dado em Alemanha no seculo 16.<sup>o</sup>

## MUSICA.

*A harmonia e a melodia.*

COMPÕE-SE a musica da harmonia e da melodia. Chama-se melodia o thema ou canto principal de uma peça de musica. A harmonia é uma serie de diversos sons accordes, que se tiram com a voz ou com os instrumentos para sustentar e fortalecer o canto principal. É ordinariamente nas partes altas, como rebecas, ou flautas, que se encontra a melodia, e quando o acompanhamento é pouco forte, mui facil se torna o percebe-la. Todavia pôde encontrar-se tambem nos baixos: então a attenção distrahida pelos instrumentos que dão notas agudas tem necessidade de fazer mais diligencia para a seguir em todos os seus rodeios.

A melodia sustentada por uma harmonia debil não faz effeito, salvo se está fortissimamente caracterizada. A harmonia sem melodia é sempre musica má,

Póde-se muitas vezes crer que a uma symphonia, ou outra qualquer composição falta a melodia, porque se não soube acha-la, ao passo que ouvidos a isso habituados a percebem com maior ou menor facilidade, e sabem avaliar-lhe o merecimento. É por esse motivo que cumpre ouvir muitas vezes uma peça de musica, e escuta-la attentamente, sobre tudo quando a nossa educação foi imperfeita quanto á musica, para poder ajuisar, sem temeridade, que tem falta de melodia. Acontece muitas vezes que o publico, pouco costumado a este genero d' impressões, nada sabe distinguir acima das harmonias estrepitosas de numerosa orchestra, ao passo que os verdadeiros entendedores sentem surgir, acima desta enorme porção de sons, um canto mais ou menos interessante.

A harmonia e a melodia devem mutuamente ajudar-se; nem podem passar uma sem outra. Teem-se visto, todavia, cantos unisonos, sem acompanhamento, aballarem profundamente um numerozoso auditorio; mas isso deve-se attribuir primeiramente á extraordinaria belleza de certas melodias combinadas para produzirem tal effeito, depois ao numero consideravel de vozes que as executaram.

Pertence inteiramente a melodia á inspiração do compositor, em quanto a harmonia é quasi unicamente effeito da arte. Comtudo ha, além da sciencia, certa casta d'instincto, que faz descobrir uma harmonia poderosa e de notavel effeito, naquelles trechos em que um compositor mediocre não acharia senão combinações vulgares. Ás vezes apparecem muitas melodias junctas em um pedaço de musica. Esta riqueza póde cansar ouvidos pouco habituados a isso; mas fará grandissima impressão no publico entendido, que sabe apreciar as concepções sublimes de um artista illustre.

#### AS LOJAS DE LONDRES.

QUANDO um estrangeiro chega á cidade de Londres, o esplendor das lojas principaes é uma das primeiras maravilhas que lhe captivam a attenção: é principalmente nas dos ourives, dos joalheiros, dos mercadores de pannos, de cristaes e de porcelanas, que se lhe vão os olhos. Muitas vezes só em uma vidraça ou taboleta acha uma tal collecção de objectos preciosos, que bastaria o valor delles para comprar um principado na Italia. O aspecto de cousas tão brilhantes produz no espirito espanto e satisfação ao mesmo tempo: tudo é magnifico, trabalhado com gosto delicadissimo, e tão rico que faz crer que só a um rei seria dado pagar por conveniente preço taes mercadorias; e o estrangeiro anda muito tempo sem saber resolver como o logista possa vender tão preciosos objectos. Tomemos para exemplo a loja d'um ourives: são baixellas, a que dão immenso valor ornatos riquissimos e elegantes: vasos, e adereces de mesa, cujo dispendioso luxo só póde ter cabimento nos pomposos banquetes dos principes. Por todo o comprimento do espaçoso armazem, montões de ouro e prata, fragmentos de trastes que já não são da moda, esperam que mão habil os torne a fazer apparecer debaixo das diversas fórmas de vasos, candieiros, bules, e mais trastes necessarios nas casas opulentas. Faz gosto calcular quantos individuos teem o seu modo de vida só neste ramo d'industria e de commercio, e por quantas mãos laboriosas ha de passar cada objecto, desde a fornalha até o buril do gravador, antes de ser julgado digno de o pôrem á venda.

A ordem que ha entre as pessoas empregadas nos

grandes estabelecimentos de Londres, para que cumpram, como deve ser, as suas obrigações, merece que della se faça particular menção. Poremos por exemplo um vasto armazem de sedas. A loja, que talvez representa um capital de 200:000 libras esterlinas, está dividida em muitos repartimentos, nos quaes estão separadas as diversas especies de fazendas, havendo em cada um delles um corpo especial de caixeiros: assim, o numero de empregados em uma loja de tal importancia, sobe ás vezes a mais de cem, entre os quaes se não contam os donos. Todos os que trabalham n'um estabelecimento deste genero estão alojados em quartos situados por cima do armazem, e cada qual recebe um salario conforme a sua capacidade e gradação. A direcção de semelhante casa, e a conservação da boa ordem entre tanta gente exige uma regularidade tão exacta como a da guarnição de uma praça de guerra. Cada individuo tem sua cama separada; mas comem junctos, ás esquadras, e a horas certas, para não enfraquecer as forças empregadas no serviço activo do armazem. Cada qual tem seu numero que indica o logar, em que se ha-de assentar á meza, quando as suas relações com os freguezes lhe permitem vir jantar. Toca para isto uma sineta, em dando uma hora, e então vae a primeira esquadra: de meia em meia hora a mesma sineta chama successivamente as diversas divisões para a meza, a qual é mui farta; e isto até as quatro horas. Além disso, não faltam divertimentos decentes a este exercito de rapazes caixeiros. Ha na casa uma bibliotheca que contém os jornaes e revistas litterarias periodicas: todos ahí podem entrar, e ter, durante o serão, um recreio das fadigas que lhes causou o trabalho assiduo de todo o dia. É por este modo que desde pela manhaã até a noite, todos os membros do estabelecimento estão occupados, e sempre debaixo da vigilancia do patrão, systema bem de antepôr ao que seguem as casas de commercio de menos monta, em que os caixeiros jantam fóra; de modo que teem a facilidade de gastar mal o tempo que pertence a seu amo, ou de andarem com más companhias.

É cousa curiosissima observar o mecanismo d'um grande estabelecimento commercial como o que descrevemos, onde tudo se faz com ordem, e onde parece impossivel haver confusão. Cada qual sabe o que tem que fazer, e todos estão no seu posto; mas para melhor se haverem de cumprir todos os deveres, ha dois, ou mais inspectores, ou vigias, que gyram pelas salas e escriptorios, tendo sempre a olho a conservação das mercadorias, e offerecendo cadeiras ás senhoras, que entram no armazem. Em lojas como estas, um unico individuo, o caixa ou recebedor, recebe no seu escriptorio o dinheiro dos compradores. Ha na capital muitas destas casas de mercadores de retalho, em ponto maior ou mais pequeno, cujos donos apuram 10:000 a 20:000 libras esterlinas por anno. Correm-se, todavia, grandes riscos; porque a voga e a moda regulam a sorte destes estabelecimentos: ás vezes menos de doze mezes bastarão para os fazer subir ao maximo gráu de prosperidade; outras vezes dentro de dois annos teem-se deitado a perder. Se os mercadores chegam a ganhar reputação entre os peralvilhos, podem em pouco tempo ajunctar grosso cabedal. Para conservarem freguezia os fabricantes de tecidos de melhor gosto mandam a estes negociantes opulentos as mais bonitas amostras dos novos productos da sua industria. Tudo o que se fabrica em certo determinado tempo tem venda prompta; e como esta é feita a dinheiro de contado, os lucros são immediatos

para o fabricante; e ao mesmo tempo o mercador de retalho póde dar a fazenda ao publico mais barata do que outras casas de menos porte. Alguns destes grandes armazens não conservam as mercadorias mais de doze ou quinze dias. Se não tiveram compradores, mandam-as para as lojas de algumas povoações visinhas.

O systema seguido em todas as casas de commercio é quasi identico: a importancia total do tracto que tiveram no decurso do anno é quem as gradua, e muitas vezes lhes dá a fama de que gosam. Devemos aqui dizer, em honra dos logistas, que ha muitos que conservam os seus freguezes trinta e quarenta annos, ou até que a morte quebre o fio das suas mutuas relações, o que não se póde attribuir senão á probidade no vender, e á exacção no pagar.

Passando com indifferença pelas lojas, que nada teem notavel, o estrangeiro scisma em como seja possivel haver em Londres tantos armazens de fato feito para todas as classes, e de todas as qualidades, desde a casaca do casquilho até as meias velhas já concertadas.

Ha lojas aonde os alfaiates, quando lhes acontece estragarem alguma casaca á moda, talhada para freguez apurado, mandam vende-la, e essa casaca que custaria, se houvesse saído boa, seis guinéus, não se vende lá por mais de duas libras e seis shillings: o mesmo acontece com o demais fato. Esta mesma casaca, depois de andar em serviço activo ás costas de segundo dono, passa para outra loja, onde a reduzem ao preço de 20 ou 25 shillings, e ainda póde ir fazer muito boa figura no espinhaço d'algum moçetão que, por pouco dinheiro, quer ser tido em conta de casquilho. No serviço deste vae aturando até o panno começar a roçar-se pelas costuras, ou, para fallar tecnicamente, até *perder o lustro*. Vae então a viandante casaca dar a casa d'algum judeu, ou belforinheiro, daquelles que correm as ruas de Londres, gritando a espaços: *casacas velhas!* para assim darem aviso de que compram fatiota usada. Este novo comprador examina aquelle traste com miudeza e cuidado, e não cessa de o menoscabar até que lh'o deem por oito ou dez shillings. A casaca passa então por uma metamorphose completa: lavada, desencebada, e ás vezes virada, rutilante com sua gola de veludo preto e com abotoadura nova, vae cair nas costas de algum aprendiz, ou pessoa semelhante, que quer campar de fidalgo, com casaca de talhê á moderna; mas como o concerto que levou, foi justamente para durar até ser vendida, apparecem-lhe logo as mazelas, e o novo dono não póde impôr com ella, nem no jardim onde vae tomar chá, nem no passeio com os amigos. A pobre casaca vagabunda volta então outra vez para o sacco do judeu, que a compra por quatro shillings e alguns pences, e que a vira e revira, corta e recorta, para lhe dar talvez a fórma de uma vestia, enfeitada de botões amarelos, que servirá de adorno a algum laponio. Então compra-la-ha um avô, para com ella enfeitar a tenra vergonteia da sua raça, e o nosso rapaz andar á mui ufano alguns dias com o seu vestido novo, até que os cotovellos lhe deem o cruel desengano de que uma casaca não é cousa que dure por toda a eternidade.

Todavia, neste ultimo periodo da sua vida, muitos acasos podem ainda modificar-lhe a sorte. Póde ser cheia de palha, e figurar em alguma entrudada no meio da rua; mas talvez que menos affrontoso fado a aguarde, e que industriosa matrona, alcançando ser dona daquelles farrapos, venha a tirar delles umas polainas, para as pernas de algum gottoso; e até póde acontecer que ainda se converta em ele-

gante monteira, enfeitada com seu galão e borla de ouro: finalmente, convertida em papel pardo, talvez venha a servir para embrulhar alguma casaca nova, e vá ainda visitar a pessoa que a possuiu, quando estava no viço da mocidade.

#### ASCENSÃO DE UM BALÃO.

O CELEBRE aeronauta inglez, Mr. Greem subiu no dia dez de Setembro de 1838, em companhia de Mr. Rurh, em 7 minutos, 12:000 pés: pouco depois chegaram a 18:000 pés d'altura. Neste ponto encontraram uma corrente d'ar, a razão de 20 leguas por hora, soffrendo na cara e nas mãos um frio insupportavel, que quasi lhes não permittia respirar. Descarregando então todo o lastro, menos 70 arrateis, subiram até a prodigiosa elevação de 29:860 pés, alguma cousa mais de cinco milhas! Apesar de se terem remontado tanto, andaram em 5 quartos d'hora, a distancia de 50 milhas ou 17 leguas. — D. José d'Urcullu. — *Tractado de Geographia.*

O maior sino do mundo.—Em Meaco, cidade principal do Japão, e mui nomeada nas cartas dos nossos missionarios jesuitas do seculo 16.<sup>o</sup>, ha um Zi ou templo de Buddha, onde existe o maior sino que se conhece no mundo. Tem este sino 17 pés e 2½ pollegadas de altura, e pesa 1:700:000 libras japonezas, que equivalem a 2:040:000 libras hollandezas. O seu peso é portanto cinco vezes maior que o do celebre sino de Ivan-veliki em Moscow.

TENDES pezares? — Pregae os olhos em uma creanga que esteja dormindo, e a quem nenhuns cuidados perturbam: assim convertereis em substancia propria parte da sua innocencia, e sentireis coar-vos no coração a paz. — *Chateaubriand.*

Os S.<sup>res</sup> Assignantes, que mudarem de residencia neste semestre, queiram ter a bondade de o participar á Direcção, para se dirigir o Jornal ás suas novas moradas.

Os S.<sup>res</sup> Assignantes cujas assignaturas de semestre findam com este N.<sup>o</sup> 113, são convidados pelo presente a renovarlas quanto antes [querendo] para não soffrerem interrupção no recebimento do Jornal.

Novamente a Direcção avisa aos S.<sup>res</sup> Assignantes das provincias, que recebem pelo correio, de que Sua Magestade Fez a Graça de Mandar que o Panorama, á imitação de outros Jornaes litterarios, pagasse de porte só a quarta parte do que pagam as cartas.

Escriptorio da Direcção da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis, Rua Nova do Carmo N.<sup>o</sup> 39 = D.

LISBOA — NA TYPOGRAPHIA DA SOCIEDADE.